

# O anseio da língua-mãe nas entrelinhas da tradução automática

---

LEILA CRISTINA DE MELLO DARIN

**Resumo** No presente artigo, examinaremos a possível interligação entre o mito da Língua-mãe – tomando-se como referência o mito bíblico da Torre de Babel – e os programas de tradução automática. Ao longo de sua história, a humanidade (inconscientemente) almeja alcançar uma língua universal, pré-babélica, registrando este anseio por meio de poemas, canções, mitos, relatos folclóricos, bem como de projetos de línguas universais como o Esperanto. Acreditamos que subjacente às propostas de *softwares* de tradução automática, como Systran e Globalink Power Translator Pro, que prometem “remover” as barreiras lingüísticas impostas pela multiplicidade de idiomas através de um único comando, há o desejo de uma tal língua primeira e ancestral, cuja mera possibilidade de existência nega a necessidade da tradução.

**Palavras-chave** língua universal, mito, tradução automática.

**Abstract** In this paper we intend to examine the possible intertwining of the myth of the Proto-language – particularly as expressed in the biblical myth of the Tower of Babel – with projects of computerized translation. Throughout history, humankind has (unconsciously) wished to achieve a universal, pre-Babelian language and has recorded this dream by means of poems, songs, mythical tales, folklore, as well as projects of universal languages like Esperanto. It is our contention that underlying the proposal of translation software packages like Systran or Globalink Power Translator Pro, which promise to “remove” the linguistic barriers imposed by the multiplicity of languages by means of a single command, there is a longing for such a primeval, ancestral language, the very possibility of existence of which negates the need for translation.

**Key words** universal language, myth, computerized translation.

## INTRODUÇÃO

*Não nos apercebemos de que é a partir de nossas limitações que surgem os desafios que podem propulsar à plenitude. É pelos desvãos de nossas faltas, hiatos e lacunas que perpassa o jorro de algo que nos supera e nos alça ao infinito.*

SILVIA SIMONE ANSPACH  
(Entre babel e o éden)

Em 1940, foram feitas as primeiras aplicações da “nova” ciência da computação à tradução automática, causando um crescente e vertiginoso interesse por *softwares* de tradução, que resultou no desenvolvimento de áreas como a Lingüística Formal e a Inteligência Artificial. Esses avanços e inovações foram impulsionados, no princípio, pela urgência de se obter informações científicas sigilosas (início da Guerra Fria) e, mais tarde, pela necessidade, cada vez mais premente, de se ter acesso à explosão de dados gerados por centros informatizados de pesquisa. Estamos, hoje, na Era da Comunicação e da Informação, e, se sobre alguém ainda paira alguma dúvida, os dados abaixo são bastante eloqüentes:

- A quantidade de conhecimento que será processada na próxima década é maior que a quantidade de conhecimento acumulada ao longo dos últimos dois mil e quinhentos anos;
- 90% dos cientistas que existiram no planeta estão vivos hoje e trabalhando;
- A cada dia, são produzidos 20 mil novos artigos científicos;
- Atualmente (1997), são publicadas no mundo 165 mil revistas científicas;
- A quantidade de dados que circula na Internet, num só dia, é maior que toda a informação disponível no século XIX (Austermuhl, 1997).

Este quase frenético intercâmbio de dados requer leitores ágeis e seletivos, capazes de localizar os instrumentos mais afinados para atender suas necessidades profissionais e pessoais. No contexto de uma economia movida por e-businesses, megafusões e dados móveis, cada vez mais esforços, projetos e investimentos são destinados à tentativa de superar uma realidade tão antiga quanto o próprio Homem: a diversidade de línguas. É justamente sobre esta tensão, entre o plural — a multiplicidade de idiomas — e o singular — a tradução automática como tentativa de superar as diferenças lingüísticas —, que pretendemos refletir neste artigo.

## MTS E CATS

O uso de *softwares* de tradução, por tradutores profissionais e usuários não-tradutores, já é uma realidade, que crescerá ainda mais nos próximos anos e décadas. Negar que estes programas podem beneficiar, agilizar e aprimorar o trabalho de tradução é desconhecer seu funcionamento e potencial. As vantagens são inúmeras, entre elas, a consulta a dicionários e glossários — que já acompanham os *softwares* ou que são inseridos/instalados e atualizados pelos usuários —, a conversão de dados, a formatação automática, a facilitação da revisão final, além da utilização de todos os recursos do processador de texto do usuário.

Evidentemente, os benefícios dos aplicativos de auxílio à tradução variam muito, segundo a categoria, por assim dizer, à qual pertencem. Estamos aqui nos referindo aos dois grandes sistemas existentes, o MT — Machine Translation e o CAT — Computer-aided Translation. Em poucas palavras, a função do MT (também tradução automática ou por computador) é fornecer uma tradução para o idioma de chegada do texto inteiro, de uma vez, contando, para isso, com dicionários abrangentes. O MT é, portanto, um sistema voltado para o produto. Nessa categoria, dentre os programas mais conhecidos no Brasil, encontram-se o Globalink Power Translator Pro, o Systran, o AltaVista Translation Service e o Delta Translator.

Já o CAT, conhecido como tradução assistida ou memória de tradução, depende da intervenção humana para seu funcionamento. Isto é, ao tradutor cabe construir um banco de dados terminológico, que será contínua e automaticamente atualizado pela segmentação do texto de partida, permitindo o alinhamento entre o texto de partida e a tradução realizada. O trabalho conta com o acompanhamento do tradutor em suas várias etapas, até a revisão final. É um programa voltado para o processo tradutório, e os *softwares* mais utilizados, atualmente, são o Trados Translator's Workbench, o Transit e o Déjà Vu.

Nessa sucinta, e certamente inexata, classificação, é necessário acrescentar um sistema "intermediário", isto é, os *softwares* de tradução automática que permitem, em determinadas fases do processo, a intervenção/interação do tradutor, caso do Globalink Power Translator Pro, que inclui o procedimento de Tradução Interativa.

Essa breve exposição tem por objetivo situar a problemática que desejamos abordar, já que não é nossa intenção nos aprofundarmos na descrição ou avaliação do desempenho desses programas como ferramentas de auxílio ao tradutor. Pretendemos, aqui, fornecer uma leitura das propostas de tradução automática (MT), tal como se apresentam em manuais, propagandas e textos de usuários ou estudiosos/especialistas, visando desvelar uma relação possível entre o projeto de tradução

automática e o persistente desejo humano de alcançar uma língua universal. Contudo, antes de passarmos à análise propriamente dita, convidamos nosso leitor a uma incursão no debate que envolve um dos mais antigos sonhos da Humanidade.

## TODA TERRA DE UMA MESMA LÍNGUA

Dentre os mitos mais marcantes ligados à linguagem em nossa cultura, destaca-se, sem dúvida, o mito bíblico da Torre de Babel, segundo o qual, os homens se propuseram a edificar uma torre para alcançar os céus, tendo o Senhor, ao ver a torre que construíam, proferido:

Eis que são um só povo, disse, e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não compreendam um ao outro. Foi dali que o Senhor os dispersou daquele lugar pela face de toda a terra, e cessaram a construção da cidade. Por isso deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sobre a face de toda a terra. (Gênesis, 11 v. 1-9)

Babel (do verbo *balal*: misturar, confundir) tornou-se uma imagem tão poderosa e de tal riqueza simbólica que passou a ser empregada como metáfora nos mais variados contextos que versam sobre a comunicação e a necessidade de tradução. Embora a tese da unidade da língua ancestral seja questionada por muitos lingüistas, o desejo de que tal idioma universal tenha, em alguma instância, existido, transparece nas mais diversas realizações e manifestações humanas.

Acredita-se, hoje, que se fala na Terra mais de 5 mil idiomas, e, a despeito de suas evidentes diferenças, estudiosos empenham-se em desvelar semelhanças entre eles, buscando estipular universais culturais e lingüísticos e embrenhando-se em exaustivas pesquisas lexicais, fonológicas e gramaticais. Apenas para ilustrar, poderíamos citar a recente investigação conduzida pela Universidade do Texas que determina padrões sonoros regulares com base em algumas línguas. Uma das conclusões da pesquisa foi a constatação da existência de quatro padrões de som comuns às línguas, cuja base é anatômica. O estudo, relatado no jornal *Folha de S. Paulo*, pela jornalista Isabel Gerhardt (21/04/00, p. 12), pressupõe que as línguas estão relacionadas entre si e sugere a possibilidade de se chegar à "origem das línguas":

Os pesquisadores compararam estes padrões com um grupo de "primeiras palavras". Tais vocábulos primordiais, que se especula terem sido *a base da língua-mãe (aquela que deu origem às*

*demais línguas humanas*), foram reconstituídos por lingüistas com base nos idiomas modernos. (Grifo nosso)

O esforço de recuperar as “primeiras palavras” que o homem teria articulado, reconstituir a “língua-mãe” — matriz Una, fonte de todas as diferenças — e alcançar a língua pré-babélica subjaz muitos outros projetos e reflexões sobre a linguagem.

De fato, a existência de diferentes línguas e culturas parece ter assombrado o homem desde os primórdios — assombro que Octavio Paz capta com tanta acuidade em seu ensaio “Lectura y Contemplación”:

Todas las sociedades, tarde o temprano, descubren que hay otros grupos que hablan un lenguaje distinto al suyo. Advertir que, para otros hombres, los sonidos que nos sirven para designar a esto o aquello — pan, cielo, demonios, árboles — nombran a otros objetos o no designan nada y son mero ruido, debe haber sido una experiencia sobrecogedora. (1984: 7)

Essa perplexidade parece decorrer da expectativa (inconsciente) de que houvesse uma só língua para todos os povos. Prossequindo sua argumentação, Paz alude ao mito de Babel, que, em nossa sociedade (e em outras sociedades, relatos semelhantes), explica a ruptura da unidade original — “bênção” — na dispersão das línguas — “maldição”-, resultando na nostalgia do tempo em que “era toda tierra de una misma lengua y de unas mismas palabras” (*idem, ibidem*). É possível desvelar sinais dessa nostalgia nas mais diversas formas de criação humana, seja nos mitos, nas artes, no folclore, na ciência, na religião, e, mais recentemente, nos produtos que a sociedade de consumo cria, que apelam para a imagem de um mundo integrado e global, em que a diversidade não mais ameaça a almejada unidade.

O sonho de restaurar a língua una, pré-babélica, é muito bem ilustrado por Paulo Rónai em *Babel & Antibabel* (1970), no qual descreve cada uma das várias tentativas (registradas) de se criar projetos de um idioma universal, revelando sua ambição e fracasso. Na página 21, Rónai faz alusão à torre de Babel, imagem que impulsiona toda sua argumentação. Dada a pertinência das considerações de Rónai para nosso estudo, recorreremos às suas observações mais adiante.

Em suas considerações sobre o elo entre linguagem e mito, o filósofo alemão E. Cassirer (1972) sugere que o anseio de vislumbrar a língua universal, espaço de conciliação de todas as diferenças, remonta a um vínculo originário entre “a consciência lingüística e a consciência mítico-religiosa”. Para o pensamento mítico, argumenta Cassirer, a palavra é concebida como meio de expressão divina e instrumento de criação:

Nos relatos da Criação de quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao mais alto Deus criador, quer se apresente como instrumento utilizado por ele, quer diretamente como o fundamento primário de onde ele próprio, assim como toda existência e toda ordem de existência provém. O pensamento e sua expressão verbal costumam ser aí concebidos como uma só coisa, pois o coração que pensa e a língua que fala se pertencem necessariamente (1972: 65).

Essa faceta criadora e transcendental da palavra tem instigado artistas, escritores, compositores, dramaturgos e poetas de todas as épocas. Ao deter-se na escritura de Clarice Lispector, por exemplo, Darin (1993) lê na alma das personagens clariceanas uma necessidade febril de alcançar a coincidência entre coração e pensamento, entre ser e dizer, que se manifesta, entre outros, no apelo vigoroso de Joana, de *Perto do coração selvagem* (1944):

Um dia virá em que todo o meu movimento será criação, nascimento [...] eu serei forte como alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! *O que eu disser soará fatal e inteiro!* (apud Darin, 1993: 86)

A tentativa de compreender a nostalgia de uma tal língua primeva, mítica, unívoca e total — que se manifesta nas mais variadas formas de realização humana — pode também ser enriquecida se examinada à luz dos *insights* do médico suíço Carl G. Jung, segundo o qual, os mitos provêm do que ele denominou *inconsciente coletivo* (1982):

Os conteúdos do inconsciente coletivo são *arquetipos* que existem sempre e *a priori*. [...]

O conceito de *arquetipo* (...) indica a existência de formas definidas na psique que parecem estar presentes sempre e em toda parte. (Jung, apud Anspach, 1998: 159)

Deste conjunto de formas arquetípicas que habita a psique humana vazam símbolos plenos de significado, que traduzem a ânsia de retornar a um estado original de integração com o *si-mesmo*, “verdadeira complexio oppositorum [convivência de opostos]” (Jung, 1982: 215). “A imagem da totalidade”, postula Jung na mesma obra (p.22), “permanece imersa na inconsciência”, e nos impulsiona a gerar símbolos, mitos e outras criações, como os que expressam o desejo de uma Palavra universal, plena, *divina*.

A relação entre a unidade lingüística e a multiplicidade de idiomas, ou entre a língua primordial e a tradução, encontra uma explicação das mais surpreendentes e provocativas no ensaio “A tarefa do tradutor”<sup>1</sup>, de Walter Benjamin, para quem a

1. Tradução Inlgesa de 1988.

tradução é capaz de revelar que dois textos e duas línguas são fragmentos de uma língua maior, patrimônio da Humanidade. Inspirada em Benjamin, Silvia Anspach, em *Entre Babel e o Éden* (1998), ressalta que, na visão do filósofo alemão, o tradutor capta laivos do Éden ancestral, ou da “língua da verdade”, não por determinação sua, mas por uma exigência das próprias línguas. Anspach reflete que a diversidade de línguas e culturas traz em seu bojo uma ordem (uma língua) pré-babélica, ponto de origem, e fim para onde tudo converge:

(...) ao ingressar na Babel das línguas, das leituras e óticas as mais diversificadas e irreconciliáveis entre si, o sujeito descobre, com Benjamin, o prenúncio e anúncio de uma ordem a um só tempo paradisíaca, ancestral e messiânica, original e terminal. Na convivência dispersa e provisória de sentidos, vislumbra [o indivíduo] a língua pura, verdadeira, que persiste eternamente a todas as provisoriedades. (1998: 97)

No mundo contemporâneo, o anelo por uma língua única e inteligível por todos ganha as mais diversas representações, dentre elas, a idéia de uma sociedade comum a todos os povos, retratada pela expressão “aldeia global” (McLuhan)<sup>2</sup>, à qual se somam metáforas que traduzem a idéia do mundo como *comunidade* integrada e nossa época como a *era da globalização*. O mundo via Internet, Rede *Mundial* de Computadores, aboliu fronteiras geográficas, políticas, culturais, sociais, criando um novo mapa de relações econômicas e instituindo uma sociedade pretensamente *global*, que envolve a idéia de comunidade mundial, coletividade, comunicação facilitada entre *todos os habitantes do planeta*, possibilidade de integração e superação de barreiras. Em uma fértil reflexão sobre as metáforas que circulam pela literatura, sobre a globalização e seu significado, Octavio Ianni (1997) pondera que o conceito de globalização sugere uma homogeneização e harmonização progressivas:

A aldeia global sugere que, afinal, formou-se a comunidade mundial, concretizada com as realizações e as possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica. *Sugere que estão em curso a harmonização e a homogeneização progressivas*. Baseia-se na convicção de que a organização, o funcionamento e a mudança da vida social, em sentido amplo, compreendendo evidentemente a globalização, são ocasionadas pela técnica, e, neste caso, pela eletrônica. Em pouco tempo, as províncias, nações e regiões, bem como culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação, comunicação e fabulação agilizados pela eletrônica. (1997: 52) (Grifo nosso)

2. Em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, McLuhan postula a idéia da “aldeia global”: “Eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila.” (1969:19).

Essa citação nos permite vislumbrar, no mundo globalizado, o mito da sociedade homogênea, na qual as diferenças se dissolveriam na livre troca de informações e mercadorias. Um mundo que partilha de um mesmo arsenal de dados, que fala a *mesma língua*, a Terra de uma mesma língua e duma mesma fala, citada por Paz. O mote “informação ao alcance de todos” incita à necessidade de uma língua internacional, idioma mundial acessível aos internautas. É neste contexto que a proposta da tradução automática ganha contornos mais definidos e investimentos mais volumosos, pois viabiliza a comunicação entre diferentes idiomas, e promete tirar de cena a figura incômoda do tradutor humano, herança maldita de Babel.

### TAMBÉM DE SONHOS VIVEM OS **SOFTWARES**

O desejo de (re)construir a primitiva *língua master*, antepassada comum dos homens, tem suscitado empreendimentos criativos um tanto bizarros, como nos mostra Paulo Rónai ao longo dos 23 capítulos de *Babel & Antibabel* (1970). Descartando a simples adoção de uma língua viva (por razões políticas) ou morta (por dificuldade de ressuscitá-la), os partidários de uma língua única para a humanidade têm defendido a criação de uma língua artificial, imediatamente compreensível por todos os povos. Informa-nos Rónai que, já em 1797, o Major Maimieux, da infantaria prussiana, inventou uma “Pasigrafia ou Nova Arte-Ciência de Escrever e Imprimir numa Língua de Maneira que Seja Entendido sem Necessidade de Tradução” ou “uma espécie de língua universal escrita” (1970: 25). O imperativo de eliminar a tradução do processo comunicativo está registrado na proposta de Maimieux e acompanha explícita ou implicitamente todos os projetos de idiomas mundiais.

A arbitrariedade entre som e sentido, inerente às línguas naturais, é percebida como maldição, entrave para a comunicação racional, lógica e imediata. Sob esse prisma, é até possível entender por que Sir Thomas Urquhart, tradutor escocês de Rabelais, teria exclamado em 1653: “Quão mais perfeita uma língua onde o aspecto da palavra revela imediatamente de que se trata! Que alegria, se cada letra tivesse um sentido exato!” (*apud* Rónai, 1970: 30).

Esta ambição, sem dúvida, desmedida, tem animado inúmeras tentativas de construção de idiomas artificiais, regidos pelo princípio da ordem, clareza, lógica e univocidade. O mal-estar com a pluralidade de idiomas parece derivar da insatisfação do homem com a própria constituição das línguas naturais. Contudo, as tentativas de impor versões mais racionais e menos humanas estão fadadas, inevitavelmente, ao malogro, como já havia previsto Ferdinand de Saussure: “Quem cria uma



língua, a tem sob seu domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle” (*apud* Rónai, 1970: 71).

A adoção de uma língua natural é uma das formas cogitadas para se viabilizar o idioma comum universal. Atualmente, o inglês já é considerado por muitos como uma língua franca contemporânea, “adotado como a vulgata da globalização” (Ianni, 1998: 56). Na visão do lingüista norte-americano Steven Fischer, por exemplo, a globalização e a Internet devem aumentar ainda mais a influência do inglês, cuja importância o torna o idioma mais falado no mundo de hoje. Para Fischer (2000), no futuro, a língua inglesa “certamente será a língua franca”, em detrimento de línguas “pouco” faladas que tenderão a desaparecer. A este respeito, comenta o lingüista: “Perdemos em termos de diversidade, mas temos muito a ganhar. A língua franca estimula a comunicação, a cooperação e o comércio. *Fará com que a humanidade se entenda melhor*” (2000: 14) (Grifo nosso).

Interessa-nos salientar a crença quase ingênua expressa na última frase: a predominância de uma só língua acarretará uma melhor compreensão entre os povos e por fim ao castigo de Babel, já que, conforme argumenta Fischer, “estamos indo em direção à língua universal que existia antes do castigo da Torre de Babel” (2000: 15).

Mais produtiva parece-nos a reflexão de Kanavillil Rajagopalan, que vê a disseminação do inglês não como uma tendência à homogeneização, mas à hibridização. Em seu brilhante ensaio “O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?”, o lingüista faz as seguintes considerações:

É importante notar que a língua inglesa que hoje funciona como língua franca mundial número um *é língua materna de ninguém* (cf. Haberland, 1989). Eu me atreveria a sugerir que o segredo da vitalidade de uma língua como o inglês é sua identidade múltipla, proteiforme.

A esta altura, porém, uma reflexão oportuna irá fatalmente convencer qualquer um de que o inglês e o espanhol apenas mostram de modo claro e inconfundível o que todas as línguas já revelam em sua própria constituição — uma tendência para a dispersão ilimitada e para a hibridização. (1998: 39)

Essa tendência, de dispersão e diferenciação (e, conseqüentemente, de tradução), é inerente ao processo comunicativo; porém, a necessidade de transcendê-la tem estimulado ainda outras propostas, além das línguas artificiais universais.

A busca por superar as imprecisões dos idiomas, neutralizar os malefícios de Babel e viabilizar a comunicação direta, “sem intermediários” (leia-se: “sem tradutores”), entre falantes de línguas distintas, encontra expressão, segundo nossa aná-

lise, em um outro projeto: o *software* de tradução automática. Ele promete, num “clique de mágica”, substituir o desconhecido, o Outro, pelo familiar, criando a ilusão de que todas as pessoas do mundo falam uma só língua: aquela que cada usuário entende. Estamos aqui nos referindo exclusivamente aos *softwares* de tradução, que acima definimos como MTs, projetados para fornecer traduções imediatas de textos inteiros, sem contar com a intervenção ou participação do usuário.

Um exame crítico do que esses programas prometem é bastante elucidativo. Por exemplo, no site da Web do Power Translator Pro 6.4 (1999), voltado para a consulta de (futuros) usuários, pode-se ler o seguinte trecho:

### **L&P POWER TRANSLATOR® PRO**

Version 6.4 — General Product Information

*Instantly Translates Your Documents!*

#### **The World Just Got a Whole Lot Smaller**

Now you can read and write in five foreign languages with the new L&P Power Translator Pro. You'll get fast, draft translations of foreign language documents, e-mail, web pages and more in real-time. No matter what your needs, we speak your language.

#### **Save Time And Money With Full-Sentence Translations**

L&P Power Translator Pro uses sophisticated linguistic processing technology to translate sentence-by-sentence, unlike ineffective word look-up software. This results in more understandable, more accurate and ultimately more effective translations, both to and from English. You'll cut hours or days off the traditional cycle of sending a document out for professional translation that can cost as much as 25 cents per word.

#### **See the Web Sites You're Missing**

With L&P Power Translator Pro, you can break through language barriers and gather information worldwide. It lets you easily translate Web pages within Netscape Navigator® or Microsoft Internet Explorer while keeping the images and links intact.

#### **Global Communications Made Simple!**

(...)

A linguagem publicitária, empregada no texto acima, procura seduzir o possível comprador por meio de imagens que sugerem uma sociedade mais integrada

(*the world just got a whole lot smaller*), na qual a língua do usuário representa a língua de comunicação com o Outro (*we speak your language*). O programa denomina-se Translator Pro, e gaba-se de apresentar, em relação ao tradutor profissional, vantagens relativas a preço e rapidez (*you'll cut hours/days off the traditional cycle of sending a document out for professional translation that can cost as much as 25 cents per word*)<sup>3</sup>. Ao anunciar que o internauta estará rompendo as barreiras lingüísticas que impediam seu acesso à informação (*you can break language barriers*), a propaganda alude às diferenças interlinguais como obstáculos a serem magicamente transpostos por meio do *software*.

É importante salientar aqui que a mera *idéia* — seja dos idealizadores do *software* e de seus financiadores, seja do candidato interessado em adquiri-lo — de que possa existir um programa capaz de substituir o tradutor humano (e com vantagens significativas sobre ele) revela a expectativa de pôr termo à confusão desencadeada por Babel. Em seu novo site, ano 2000, o Globalink anuncia em letras garrafais: QUEBRE A FRUSTRANTE BARREIRA DA LÍNGUA ESTRANGEIRA; isto é, a diversidade de línguas é *frustrante*.

Também muito ilustrativo é o site da Micropower que apresenta seu tradutor automático Delta Translator. Dentro do elenco de benefícios oferecidos pelo programa pode-se ler:

Delta Windows Translator permite traduções de textos diretamente em aplicativos do Windows. Apenas selecione o texto que deseja traduzir em qualquer janela do Windows como texto editável e pressione a tecla Control+F12, o texto selecionado é automaticamente traduzido e substituído. (Grifo nosso)

Como argumenta Luíza de Araújo (1992: 107), subjacente à “idéia do computador poder realizar uma tradução totalmente autônoma, vindo até a superar o tradutor na realização de sua atividade”, encontra-se o pressuposto de que “a tradução é essencialmente uma operação matemática ou mecânica, portanto, uma ‘realização de cálculos’”. Acrescentamos que essa concepção de tradução se fundamenta no conceito de língua como código racional e passível de detalhada e exaustiva descrição, cuja gramática consiste em regras finitas e previsíveis e o vocabulário em um conjunto dicionarizável de palavras que nomeiam uma realidade.

Embora os programas de tradução automática prometam resolver a diferença entre línguas com um só clique, evidentemente, na prática, eles se deparam com a

3. Trad. Nossa: “Você reduzirá horas/dias da prática tradicional de enviar um documento para um tradutor profissional, que poderá cobrar até 25 centavos de dólar por palavra”.

impossibilidade de viabilizar esse sonho antigo, e acabam por fazer inúmeras ressalvas e concessões para que seu produto possa atender às expectativas e às necessidades tradutórias do usuário, seja ele tradutor ou não.

Diante dos limites da tradução por computador, os programadores passaram a sugerir uma rigorosa pré-edição do texto original (também conhecida como “língua controlada”, “língua de entrada” ou “sublíngua”), cujos critérios nos interessa examinar. A preparação do texto de partida deve ser feita visando à clareza e à objetividade, conforme aconselha o Manual do Usuário do Globalink Power Translator Pro. Em “Sugestões para Fazer a Tradução” (pp.44-6), as recomendações — dez ao todo — enfatizam substituir as expressões idiomáticas (o exemplo fornecido é: *It happens once in a blue moon*, que pode ser alterado para *It rarely happens*); evitar sentenças longas ou na voz passiva, contrações, subordinações, omissões de palavras, ambigüidades; utilizar o inglês padrão, formal, e a gramática “correta” (*proper English*).

Outro método de contornar os limites do *software* de tradução automática — mas que em essência não difere muito da sublíngua — é sugerido por Harold Somers (1997), que propõe a *pós-edição do texto original* a partir dos erros que o programa tenha apresentado em traduções anteriores. Conforme argumenta Somers, a manipulação do *input* (texto de partida) significa adaptar o texto ao sistema do programa, procedimento que não difere, em essência, da sublíngua, embora o autor enfatize que, ao contrário de um texto submetido à sublíngua, o “texto de entrada” muitas vezes não é estilística ou gramaticalmente aceitável:

Post-editing the source text is of course not unlike the use of controlled language, mentioned above, in that it seeks to render the input to the MT system more favourable and more likely to result in acceptable output. (1997: 204)

Clarifying the input text — like traditional pre-editing — results in an input text that is easier for the MT system to translate. But unlike traditional pre-editing, there is no requirement that in doing so the input text remain stylistically acceptable, or even grammatical. (1997: 207)

É curiosa a semelhança entre a “sublíngua”, ou mesmo a “pós-edição” de Somers, e os projetos de línguas artificiais os quais Rónai discorre. Podemos perceber esta afinidade em muitos dos idiomas elaborados, mas talvez seja o *Basic English* que melhor ilustre este parentesco. Um trecho de *The Gold Bug*, de Edgar Allan Poe, e sua versão para o *Basic English* revelam o esforço por simplificar e tornar “mais compreensível” o original:

Some years back I had a friend, a Mr. William Legrand. He came of an old Huguenot family and he had been well-of (sic) at one time; but a number of losses one after another had made him poor. He went away from New Orleans (where his family had been for a very long time) to get away from his unhappy memories and bitter thoughts ...

Poe escreveu:

Many years ago I contracted an intimacy with a Mr. William Legrand. He was of an ancient Huguenot family, and had once been wealthy; but a series of misfortunes had reduced him to want. To avoid the mortification consequent upon his disasters, he left New Orleans, the city of his forefathers... (Rónai, 1970: 126-7)

Os aspectos lingüísticos que os proponentes de idiomas mundiais, como o *Basic English*, empenham-se em eliminar são similares àqueles que os idealizadores da “língua de entrada” recomendam evitar: ambigüidade, imprecisão, polissemia, complexidade gramatical, gíria, metáforas, expressões idiomáticas, ou seja, tudo que indica que as línguas naturais são produto humano. Esta “inconformidade” com o sistema lingüístico remete-nos à constatação contundente que o escritor argentino Jorge Luis Borges registrou em ensaio de 1928.

El sujeto es casi gramatical y así lo anuncio para aviso de aquellos lectores que han censurado (con intención de amistad) mis gramatiquerías y que solicitan de mí una obra humana. Yo podría contestar que *lo más humano* (esto es, lo menos mineral, vegetal, animal y aun angelical) es precisamente *la gramática*. (1994: 11) (Grifo nosso)

Isto é, a língua, como construto humano, é um reflexo das idiossincrasias e da falibilidade de seus criadores.

O projeto de uma língua lógica, clara e racional está ligado à proposta de tradução automática, pois ambos têm por meta alcançar a comunicação livre do trans-torno da participação do sujeito (e da interpretação). Apesar do esforço e criatividade de seus idealizadores, os idiomas artificiais não vingaram<sup>4</sup>, assim como a

4. Em relação ao Esperanto, Rónai ressalta que sua aceitação é um fenômeno singular entre os idiomas inventados, embora deixe claro que sua disseminação está fazendo com que assumam feições semelhantes às das línguas naturais: “É inegável que ele desempenha papel de mediação cultural, prestando-se à tradução de milhares de obras das línguas mais diversas, o que lhe confere caráter único entre os idiomas artificiais, mas, ao mesmo tempo, o aproxima das línguas naturais. Tem, como essas línguas, as suas variantes fonéticas e estilísticas, as suas polissemias, criou a sua poesia própria, os seus provérbios, quase um folclore, e, a despeito das suas origens artificiais, está-se desenvolvendo como qualquer idioma natural.” (Rónai, 1970: 70-1)

sublíngua supostamente facilitadora fracassa na medida que exige uma laboriosa tradução intralingual do texto de partida — o que acaba por provar que traduzir é uma atividade inerente ao processo de comunicação —, que dificulta imensamente o trabalho, e, em muitos casos, o inviabiliza.

Não se trata aqui de questionar a eficiência dos programas de tradução automática, que são produtivos em contextos restritos (vocabulário e estilo limitados), como nos informa Carolina Alfaro (1998), referindo-se ao uso do Systran pela Xerox, que desenvolveu uma sublíngua específica para fins próprios. O que nos interessa é examinar as propostas de tradução automática para buscar compreender sua motivação, *suas estratégias* e os conceitos de tradução e língua a elas subjacentes. Assim, por exemplo, ao recomendar que o texto de partida seja redigido de forma clara e precisa, o site do Power Translator Pro (1999) traz o seguinte comentário: *“Write explicitly - Machines cannot read between the lines. They only translate what is there, not what the author might have intended”*<sup>5</sup>.

Essa advertência se baseia no pressuposto de que o significado do texto de partida é algo visível e estável, *que está lá*, resgatável nas linhas impressas, independentemente das interpretações que lhe possam ser dadas pelo leitor. Essa visão reflete a concepção equivocada de tradução como fidelidade ao conteúdo do texto, como mera substituição de mensagens ou transferência de sentidos determinados. Nega-se o que de mais poderoso e instigante tem a linguagem: as imprecisões, as lacunas, as sugestões, as entrelinhas, as óticas; enfim, o inerente e infinito espaço entre o dito e o por dizer, entre mim e ti.

A proposta de “saneamento” lingüístico parece abrigar o desejo de “limpar” o próprio homem, livrando seu discurso das impurezas de um pensamento e cultura ilógicos, repletos de interesses e intenções *subjetivas* e *sociais*, guiados por impulsos e motivações inconscientes. Uma tal língua *clean* é a ambição dos que, inconformados com a natureza humana, buscam forjar uma realidade lingüística, cultural e social homogênea, um *tecnocosmo* ou uma “sociedade global” (Ianni, 1998), que vê na automatização a possibilidade de fundar o império (não dos sentidos!) da razão, da lógica e da consciência.

Neste contexto, a tradução é (mal)vista como símbolo daquilo que Rónai denomina “drama lingüístico sem solução” (1970: 16), pois tem na origem o estigma da maldição de Babel e na existência a prova cabal do desencontro entre línguas e interesses. É possível que a associação (inconsciente) entre maldição e tradução seja

5. Trad. Nossa: “Seja explícito ao escrever – o computador não pode ler as entrelinhas. Ele só traduz o que está lá, não aquilo que o autor possa ter tido a intenção de dizer”.

responsável pela visão que muitas sociedades (e com certeza a brasileira) têm do que significa traduzir: uma atividade pouco complexa ou especializada, incapaz de plena realização, já que sempre abriga algum grau de infidelidade em relação ao original. A este respeito, Paulo Britto faz uma reflexão sobre a analogia implícita, reiterada pelo senso comum, entre prostituição e tradução:

Tanto o trabalho da prostituta quanto o do tradutor são normalmente encarados como males necessários, atividades que sempre surgem onde quer que se desenvolva uma sociedade humana mais complexa, mas que decorrem de imperfeições humanas. (1989: 111)

É curioso que Britto prossegue seu raciocínio fazendo exatamente o elo que visamos enfatizar aqui, entre a indesejada necessidade de tradução e o desejo de uma sociedade em que impere uma só língua, lógica e sem mistérios:

Num mundo utópico em que vigorasse uma atitude mais racional e saudável em relação à sexualidade, a prostituta não teria razão de ser? Assim, também, numa sociedade em que triunfasse a razão acima dos nacionalismos e etnocentrismos estreitos, *todos falariam um único idioma — certamente, aliás uma língua racional, sem regras absurdas e exceções inexplicáveis — e não haveria necessidade de se traduzir coisa alguma.* (*idem, ibidem*) (Grifo nosso)

Descartar o tradutor ou a tradução do processo comunicativo é um anseio que os responsáveis pela propaganda de programas de tradução automatizada captam em seus textos. Não por acaso o apelo do site do Delta Translator é “Dê férias a seu tradutor” e, no site do Power Translator Pro (1999), cintila a promessa: “it’s like having your own translator”<sup>6</sup>. Evidentemente, os apelos expressos nos manuais, guias, páginas da WEB, ou capas que acompanham os produtos, recorrem às estratégias do discurso publicitário para persuadir o (provável) usuário a adquirir o programa. Segundo Maria Helena Campos (1987), uma das estratégias de marketing é apresentar o produto como algo que irá magicamente resolver as demandas do consumidor e satisfazer suas necessidades e desejos; para isso, pesquisam-se, entre outros, expectativas sociais e pessoais, motivações e valores. No caso da linguagem utilizada para falar dos programas de tradução automática, as promessas de transpor as barreiras lingüísticas sem necessidade de um tradutor humano calcam-se numa crença partilhada — um mecanismo caro ao discurso persuasivo:

As crenças do senso comum se configuram como o lugar por excelência das premissas publicitárias que partem do conhecido, previsto e desejado pelo mercado consumidor para, num jogo

6. Trad. Nossa: “É como ter um tradutor particular”.

de verossimilhança, confirmá-las, realimentá-las, através de 'modos de pensar de cuja razoabilidade o ouvinte já esteja convencido' (Lima, *apud* Campos, 1987: 54)

É interessante observar que, conforme os programas vêm sendo utilizados e criticados<sup>7</sup>, suas páginas de apresentação passaram a incluir ressalvas quanto a seus limites, como é o caso do Power Translator Pro (site 2000), que adverte o usuário de *softwares* de tradução "em geral" que, em razão da complexidade dos idiomas, ele deve considerar "somente como um rascunho o resultado da tradução". O mais curioso é que, apesar das advertências, aquele que procura o serviço de tradução automática continua esperando a realização de suas próprias expectativas, daquilo que, como afirma Lima na citação de Campos, parece estar convencido *a priori*. Corroborar este argumento o comentário de Alfaro sobre o serviço de tradução do AltaVista, o qual explicita em sua página na Web que o *software* "não produzirá traduções perfeitas":

Sabemos que essa ressalva não é suficiente para que as expectativas dos usuários correspondam um pouco mais às capacidades reais do sistema — assim, ao menos por enquanto, os usuários tanto protestarão quanto darão boas risadas às custas do sistema. (1998)

O que procuramos neste artigo é analisar porque isto ocorre e refletir sobre a força subjacente às expectativas dos que idealizam e dos que desejam ver idealizada a resolução do "drama da linguagem" (Rónai, 1970). Com o avanço das ciências da computação, o homem hoje parece acreditar que é possível reviver nos produtos da revolução digital o sonho de uma língua universal. E o que parece nortear esse sonho é o mito da torre de Babel, tão frequentemente lembrado<sup>8</sup> e tão presente na me-

7. Há muitos artigos veiculados na mídia impressa que se contentam em enfatizar a ineficiência desses programas, como o da *Veja* de 7/1/1998 (também citado por Alfaro, 1998), intitulado "Ao pé da letra", redigido por Manoel Francisco Brito, no qual se lê: "Nem os personagens da fictícia Greenville, da novela da Globo *A Indomada*, que misturavam português e inglês, conseguiriam entender as traduções feitas pelo AltaVista, um dos maiores endereços de pesquisa na Internet. Lançado em dezembro, o serviço confunde mais que ajuda. O *software*, produzido pela empresa francesa Systran, traduz as palavras ao pé da letra. Parece até piada, mas Bill Clinton virou 'presidente Conta Clinton' e as secretárias da White House, a Casa Branca, foram chamadas de 'secretárias brancas da casa'. Para enlouquecer ainda mais o usuário, o sistema não traduz algumas palavras, criando frases incompreensíveis como 'Aprendeu-se hoje que o presidente Clinton commandeered um jetliner civil: É o samba do crioulo doído na era da globalização" (p. 13). É preciso ressaltar que, desde 1998, houve uma melhora na qualidade das traduções de praticamente todos os *softwares* de tradução, embora ainda haja muitos problemas.
8. O mito é citação quase obrigatória em artigos sobre tradução, como em "Babel demolida", de Peter Moon, que, ao escrever sobre uma copidadora que traduz do japonês e espanhol, relaciona a tenta-



mória coletiva. Visto sob este ângulo, o projeto de um *software* de tradução automática ecoa a ânsia de unidade primordial que, como nos elucida Anspach, é, no mito, ameaçada pela introdução de uma cisão, no caso, da multiplicidade de línguas:

(...) as raízes arquetípicas da trajetória verdadeiramente mítica se alicerçam sobre uma dualidade, pela introdução do *outro*, do *segundo* que cinde e ameaça o *Uno* divino original, introduzindo a era da dúvida e da hesitação. (1998: 194)

Não entendemos a proposta de tradução automática como uma tecnologia meramente a serviço do ideal de um mundo globalizado e padronizado, mas como uma criação que possui um valor simbólico legítimo, ancorado em raízes míticas. Também não acreditamos que uma língua possa ser concretizada; afinal, a Língua não é senão as diferentes línguas que conhecemos, e a cisão a que estamos fadados é, na verdade, uma bênção, pois exige de nós o esforço da conciliação, nos propicia a consciência de nossos limites e nos incita à transcendência. Não é preciso — nem possível — negar o múltiplo para se chegar ao Um, pois, por detrás de tudo que é diferente ou alienígena, oculta-se a força da unidade ou unicidade (Anspach, *idem*: 157).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Warren Weaver inicia seu texto sobre tradução automática, de 1949, expondo um pressuposto que considera óbvio: a multiplicidade de línguas inviabiliza o intercâmbio cultural entre os povos e é um sério impedimento à compreensão internacional. Contudo, como argumentamos, a relação de causa e consequência implícita nesse axioma sugere que a superação das diferenças lingüísticas implica na possibilidade de um mundo mais solidário e harmonioso<sup>9</sup>. Como salientamos anteriormente, essa crença é um tanto ingênua, como também observa Rónai: “*Na suposição comovedora e algo ingênua de que homens que falavam a mesma língua não podiam deixar de ser irmãos*” (1970: 12). Além disso, vale destacar que a diversidade de línguas aparece inevitavelmente associada à confusão e ao desentendimento, como algo *exterior* ao homem, imposto como condenação, não como pro-

tiva de construção da torre de Babel ao esforço dos cientistas da era digital de “recolocar ordem no caos divino” (*Isto é*, 6/3/96).

9. Este parece também ser o fundamento da “linguagem politicamente correta”: eliminando da língua os preconceitos, eles deixariam de existir.

duto humano. Se não fosse assim, por que tantos artigos voltados para a tradução automática fariam alusão à promessa de restaurar o estado pré-babélico pela intermediação impessoal e eficaz de um programa? Ou, em outras palavras, por que a necessidade de negar a diferença, a alteridade, a pluralidade, a interpretação, as entrelinhas, a tradução?

Entendemos que, ao prometerem o fim das “barreiras” erguidas pela multiplicidade de línguas, as propostas de tradução automática trazem em seu bojo um elemento simbólico que habita na memória ancestral da humanidade, em que se aloja o mito da existência de uma língua plena, única e universal. É no seio da alteridade que pulsa o singular, o transcendente.

Muito embora os *softwares* de tradução cada vez mais reconheçam a impossibilidade de realização deste anseio, contando com a intervenção do usuário e mesmo dependendo de sua interação, como é o caso dos sistemas de memória de tradução, acreditamos que esses projetos, e tantos outros que o futuro aguarda, deixam e deixarão transparecer os traços do desejo que a humanidade tem de chegar à “utopia da comunicação”<sup>10</sup>. Essa busca, acreditamos, não cessará: o ser humano precisa viver sua dimensão transcendente, expressando-a seja por meio de metáforas, de manifestações artísticas, de promessas aparentemente vazias, ou do sonho de poder “reconstruir” a Torre de Babel e alcançar seu eu universal.

## REFERÊNCIAS

- ALFARO, Carolina (1998). *Descobrimdo, compreendendo e analisando a tradução automática*. Monografia. Orientação: Maria Carmelita Pádua Dias. Endereço eletrônico: [http://www/tecgraf.puc\\_rio/~carolina/monografia](http://www/tecgraf.puc_rio/~carolina/monografia).
- ANSPACH, Sílvia S. (1998). *Entre Babel e o Éden (criação, mito e cultura)*. São Paulo: Annablume/FAPESP. “Ao pé da letra”, *Veja* 7 de janeiro. São Paulo: Abril, 1998.
- ARAÚJO, Luzia (1992). “O tradutor e o computador: possibilidades de uma interface”. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 19, Campinas: Unicamp.
- AUSTERMUHL, Frank (1999). “Between Babel and Bytes — The Discipline of Translation in the Information Age”. In: in *Medias res*. (mimeo).

10. Em um texto para o suplemento *Mais!* (*Folha de São Paulo*, 25/6/2000), intitulado “A morte e o renascimento das utopias”, Sergio P. Rouanet reflete que a utopia está de volta, e comenta que, dentre as várias formas de se compreender a utopia, está aquela que vê “na consciência utópica uma dimensão permanente da condição humana” (p.15). A esse grupo pertencem J. Habermas e Karl Otto Apel, para os quais cada ato lingüístico remete necessariamente à utopia da comunicação perfeita.

- Bíblia Sagrada* (1997), 113ª edição. São Paulo: Ave-Maria.
- BORGES, Jorge L. (1994). "Indagación de la palabra", *El Idioma de los Argentinos*. (primeira edição 1928). Buenos Aires: Seix Barral/Biblioteca Breve.
- BRITTO, Paulo H. (1989). "A difícil vida fácil do tradutor", *34 Letras*, Nº 3. Rio de Janeiro: 34 Literatura.
- CAMPOS, Maria Helena (1987). *O canto da sereia. (Uma análise do discurso publicitário)*. Belo Horizonte: UFMG/PROED.
- CASSIRER, Ernst (1985). *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva.
- DARIN, Leila 1993. *A tradução como busca e diferença: um diálogo teórico-prático com textos de Clarice Lispector*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP.
- FISCHER, Steven R. (2000). "O fim do português", *Veja*, ano 33 nº 14. São Paulo: Abril.
- GERHARDT, Isabel (2000). "Estudo identifica sílabas universais", *Folha de S. Paulo* 21/4, 1-12.
- IANNI, Octavio (1997). "Metáforas da globalização", *Sociedade e linguagem*. Campinas: Unicamp.
- JUNG, Carl G. *AION - Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- McLUHAN, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. (Prefácio) São Paulo: Cultrix.
- MOON, P. (1996). "Babel demolida", *Isto é*, 06/03. São Paulo:Três, 1996.
- PAZ, Octavio (1984). "Lectura y contemplación", *Tradução e comunicação*. São Paulo: Álamo.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (1998). "O conceito de identidade linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?" (trad. Almiro Pisetta), *Lingua(guem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Fapesp.
- RÓNAI, Paulo (1970). *Babel & antibabel*. São Paulo: Perspectiva.
- ROUANET, Sergio P. (2000). "A morte e o renascimento das utopias", *Mais! Folha de São Paulo*, 25 de junho, pp.15-7.
- SOMERS, Harold (1997). "A Practical Approach to Using Machine Translation Software", *The Translator*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- WEAVER, Warren (1949). "Translation", *Machine Translation of Languages*. London: Capman & Hall Ltd.

## Websites

<http://www.globalink.com/> Site do Power Translator Pro de 1999 e 2000.

<http://www.micropower.com.br/> Site do Delta Translator de 2000.

Leila C. de Mello Darin é professora do Departamento de Inglês da PUC-SP e Editora Científica da revista *Claritas* (EDUC-SP).